

**VOZES IMIGRANTES:
UMA REFLEXÃO SOBRE OS DESLOCAMENTOS
NA FRONTEIRA TEX-MEX⁴¹**

Natália da Silva Bravo (UERJ)

natsbravo@gmail.com

Ana Cristina dos Santos (UERJ)

anacrissuerj@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir o deslocamento dos imigrantes na fronteira entre o México e os Estados Unidos e suas consequências para a reconfiguração do sujeito feminino. Para tanto, utiliza-se o livro *La Migra me Hizo los Mandados* (2002), de Alicia Alarcón. A obra reúne testemunhos de imigrantes que passaram pela experiência de cruzar ilegalmente tal fronteira. Foram escolhidos os testemunhos nas vozes femininas que retratam a realidade e as dificuldades dessa passagem em busca da realização de um sonho: a vida nos EUA. Para análise proposta, utilizam-se os textos de Almeida (2010) e Hollanda (2005) sobre as relações de gênero; de Toro (2010), Bauman (2006) e Augé (2007) para as noções de espaço e deslocamento; de Canclini (2008) para o conceito de fronteira e hibridização; de Hall (2005) para as questões das identidades na contemporaneidade e a diáspora e Campuzano (1999) para a definição de testemunho.

Palavras-chave: Deslocamento. Gênero. Identidade. Alicia Alarcón.

1. Introdução

Característica da época contemporânea, a globalização se define em uma palavra: interação, seja ela de pessoas, culturas, economias, políticas ou informações em geral. Como consequência, há uma troca que possibilita outra visão de mundo, como se todos os lugares fossem facil-

⁴¹ *Tex-Mex*: expressão adjetiva para tratar de cultura, comida e variante linguística originadas no Texas, fronteira com o México.

mente acessíveis e as fronteiras entre os países se diluíssem. Nessa nova perspectiva, a interação entre os povos e o deslocamento entre territórios são facilitados, devido, principalmente, à evolução tecnológica que aproxima pessoas e, por conseguinte, espaços e culturas. Há um câmbio de informações de dimensão transnacional. O contato com o outro, o conhecimento, a troca de costumes e o compartilhamento de experiências advindos dessas inter-relações ultrapassam as fronteiras nacionais e podem ser motivadores e influenciáveis na vida do indivíduo.

Depreendemos, portanto, que a globalização desarticula o conceito de nação proposto pelo ideal romântico. Esse visava homogeneizar um mesmo espaço territorial e toda sua população, agrupando-a sob as mesmas formas linguísticas, religiosas e culturais. Assim, uma nação se diferenciava da outra por suas características e capacidade de criação, ou seja, por sua autonomia cultural. Na globalização, os deslocamentos de pessoas contribuem para a produção cultural simultânea que desestabiliza o conceito de nação pelo contato constante entre as culturas. Os contatos podem ocorrer pessoalmente ou à distância pelos meios de comunicação, possibilitando outra maneira de construir ou reconstruir a subjetividade, que vai além da nação pertencente. Desse modo, o deslocamento é capaz de construir ou modificar os costumes de uma nação e, logo, de um indivíduo, independente da identidade cultural existente no território ao qual pertence, como nos descreve Toro (2010, p. 11):

La diáspora cultural inscribe en el territorio una multitud de nuevos sonidos, colores, que son también nómades, que se encuentran siempre en un estado de flujo y reflujo, en continuo estado de cambio. Esta inscripción confronta muchas lenguas, muchas historias, muchas geografías.

A desestabilização do conceito de nação acarreta a desarticulação da identidade do sujeito concebida como intrinsecamente fixa e imutável. Na contemporaneidade, também conhecida como época pós-moderna, o sujeito está em constante movimento, seja em busca de uma nova oportunidade, de um lugar diferente para viver, de um espaço com o qual se identifiquem mais ou, simplesmente, por meio de movências passageiras como viagens. O sujeito, devido a esses deslocamentos, encontra-se fragmentado, e sua identidade é mutável, reconfigurável a partir dos contatos mais frequentes com o mundo além das fronteiras “imaginadas” entre cidades, estados, países e continentes, ou como nos assevera Hall (2005, p. 13): “A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”.

A contínua dispersão na época contemporânea de pessoas em busca de melhores condições econômicas e sociais de vida, mais especificamente em busca de uma vida mais digna e justa é o tipo de deslocamento territorial analisado neste trabalho. Nessa perspectiva, discutimos o deslocamento de característica transnacional dos imigrantes na fronteira entre o México e os Estados Unidos e suas consequências para a reconfiguração do sujeito feminino, a partir da obra de Alicia Alarcón, *La Migra me Hizo los Mandados* (2002). O texto de Alarcón trata da migração ilegal – que envolve cruzar fronteiras nacionais sem a devida documentação – praticada principalmente por mexicanos e por indivíduos de outras nacionalidades da América Central para os Estados Unidos. Uns porque buscam uma vida melhor; outros porque se veem obrigados, já que seu país natal encontra-se em uma situação caótica de violência, de pobreza ou de ameaças. Esses casos de migração configuram o que se costuma denominar deslocamento diaspórico. As pessoas diaspóricas são aquelas que vivem fora de seu país de origem, mas os costumes ainda se mostram enraizados, já que foram forçadas, por diversas razões, a viverem em outro lugar.

Em sua obra, Alarcón reúne testemunhos de alguns latino-americanos que contam experiências vividas e consideradas como bem-sucedidas ou frustradas ao atravessarem ilegalmente a fronteira entre os dois países, fronteira também conhecida como TEX-MEX. Nos relatos dos emigrantes é perceptível o sentimento que cada um possui de que está fazendo algo ilegal, mas eles não se sentem como cometendo um crime, não se percebem como criminosos. Eles, em geral, querem apenas pagar para poder cruzar a fronteira e, realizar o projeto migratório: trabalhar, juntar dinheiro e retornar ao país de origem. Os testemunhos reunidos no livro foram produzidos tanto a partir dos relatos dos indocumentados sobre a experiência fronteiriça, como também das entrevistas feitas sobre essa viagem que, com a intervenção da autora, receberam um substrato novelesco, tornando-se romaneados. Esses são chamados de testemunhos mediados (CAMPUZANO, 1999, p. 26). Cada experiência relatada traz consigo uma grande carga emocional, já que a imigração ilegal oferece diversos riscos, dentre os quais ser pego pelo departamento de imigração americana (conhecido como “La migra”) pode ser considerado o menor de todos.

Nesses testemunhos, em especial os narrados por mulheres, é possível analisar as mudanças ocorridas no comportamento e na subjetividade da protagonista ao longo da viagem repleta de obstáculos, o que refle-

te na reconfiguração do sujeito, após cada situação vivida, seja no modo de agir ou de pensar. Essa análise das trajetórias mediadas por Alicia Alarcón permite a reflexão acerca das questões da contemporaneidade, como a globalização e o multiculturalismo, atuando como fatores que reconfiguram espaços, territórios e a subjetividade. Especificamente, a influência desses fatores nas reconfigurações da subjetividade do sujeito feminino em trânsito.

2. *A fronteira: o não-lugar*

A fronteira entre o México e os Estados Unidos é o cenário no qual ocorrem todas as experiências relatadas em *La Migra me Hizo los Mandados* (2002). Denominada como limite geográfico entre territórios, as fronteiras não limitam a relação entre as pessoas. É o lugar móvel, polifônico, feito de incessantes travessias externas e internas, permitindo o experimentar de identidades que mostra as diversas maneiras de viver e transitar na contemporaneidade. Por tal motivo, é o lugar onde as culturas se fundem e se rompem as barreiras entre tradições e idiomas. Na obra, Tijuana, cidade fronteira mexicana pela qual partem a maioria dos imigrantes, é exemplo dessa troca cultural, que não está refletida somente nas pessoas, mas também em todo esse território. Como descreve Canclini (2008, p. 320):

O caráter multicultural da cidade se expressa no uso do espanhol, do inglês, e também das línguas indígenas faladas nos bairros e nas montadoras ou entre aqueles que vendem artesanato no centro. Essa pluralidade se reduz quando passamos das interações privadas às linguagens públicas, as do rádio, da televisão e da publicidade urbana, em que o inglês e o espanhol predominam e coexistem “naturalmente”.

Logo, a fronteira torna-se um local evidente de cultura híbrida, um “laboratório intercultural” (CANCLINI, 2008, p. 322). Há influências vindas de todos os lugares, o conceito de identidade étnica é dissolvido como consequência desse intercâmbio de costumes, que não é apenas fruto da globalização da era moderna, é, primeiramente, advindo dos encontros culturais da colonização. A obra de Alicia Alarcón (2002, p. 62) também traz, em seus testemunhos, as impressões dos imigrantes sobre essa mescla de culturas no próprio território estadunidense:

Llegar a Miami fue como llegar a una ciudad de Latinoamérica. Se hablaba español en todos los sitios [...] Decidí viajar a Los Ángeles donde encontré a muchos salvadoreños. Habían hecho de una parte de la ciudad una pequeña Centroamérica.

Esse espaço entre países, embora seja caracterizado pela fissão e fusão de culturas, é o lugar em que os latino-americanos desafiam, pela sua marginalidade, o poder hegemônico dos Estados Unidos e cruzam ilegalmente para viverem nas cidades americanas. Na obra, é um local de transição de pessoas e, em vista disso, é um local abandonado, um território vazio onde tudo é permitido e no qual se modelam relações sociais e de poder definidas por esse espaço. Nesse âmbito, vale ressaltar a definição de Augé (2007, p. 81) dos chamados não-lugares como um espaço de passagem incapaz de dar forma a qualquer tipo de identidade: “O espaço do viajante seria, assim, o arquétipo do não-lugar”. Nesse local ermo, não há relações entre as pessoas, não se criam vínculos afetivos, pois os indivíduos estão ali como viajantes, trata-se de uma situação passageira. Pode-se, então, denominar a fronteira TEX-MEX, na obra de Alarcón, como não-lugar, pois os imigrantes ali, viajantes solitários, apenas veem esse território como um obstáculo a ser ultrapassado. Cada viajante possui o objetivo de proteger-se e concluir a travessia sem ser pego pela polícia de fronteira dos Estados Unidos, a “migra”. Embora tenham solidariedade ao ver outros imigrantes em situações de humilhação, nada podem fazer, restando apenas o desejo de que toda a tormenta e dificuldades passem e o destino chegue logo. Esse é o caso do José Luiz, protagonista do relato “*A la muchacha de Nicaragua se la llevó el Río*”, que, ao atravessar um rio no caminho ilegal até os Estados Unidos, por conta água fria, pedras, vegetação e forte corrente, uma nicaraguense foi levada pelo rio e nada pode fazer senão lamentar. Nesse mesmo relato, José Luiz descreve o que viveu em uma das estadas ao longo da travessia junto com os demais que conseguiram ultrapassar o rio:

Esos tres días fueron de infierno porque se nos unieron otros dos coyotes. Mientras uno me vigilaba, los otros violaban a las muchachas. Eso lo hicieron varias veces. Pensé en la muchacha de Nicaragua. Tal vez fue mejor que la llevara al río (ALARCÓN, 2002, p. 133).

Nos relatos, além da fronteira, os personagens se encontram também nos espaços sociais das cidades (principalmente nos de Tijuana). Esses espaços são os que Augé (2007, p. 74-75) pontua como exemplos de não-lugares: as estações rodoviárias e ferroviárias, os meios de transporte, os aeroportos, grandes redes de hotéis: “*En central de autobuses esperé otro camión que me llevaría al aeropuerto. [...] Era mi primer viaje en avión y lo único que sabía era que saldría en Aeroméxico a Los Angeles.*” (ALARCÓN, 2002, p. 36). No romance, os locais de passagens, os quartos de hotéis, as casas dormitórios nos quais os imigrantes ilegais passam a noite ou se escondem são igualmente considerados não-lugares.

Esses locais se caracterizam por permitirem apenas contatos superficiais entre as pessoas, desconhecidas entre si, indivíduos que não possuem conhecimento um da vida do outro, pois a única finalidade que eles têm com a experiência do deslocamento é atravessar a fronteira para chegarem aos Estados Unidos, como nos descreve Bauman (2006, p. 111, grifo do autor):

O encontro de estranhos é *um evento sem passado*. Frequentemente é também *um evento sem futuro* (o esperado é que não tenha futuro), uma história para “não ser continuada”, uma oportunidade única a ser consumada enquanto dure e no ato, sem adiamento e sem deixar questões inacabadas para outra ocasião.

O fato de os personagens saberem que os acontecimentos pelos quais passam na tentativa de cruzar a fronteira são eventos isolados, “sem passado e sem futuro”, fazem com que atuem de maneira divergente ao que atuariam em sua vida cotidiana. Os relatos recolhidos por Alarcón descrevem os contatos superficiais dos personagens com as demais pessoas que encontram ao longo da travessia. Além das medidas extremas de sobrevivência que alguns imigrantes realizam por não terem outra opção, mesmo sabendo que, em alguns casos, são ações contra a lei, porém, necessárias para continuar o percurso e alcançar o tão sonhado destino, os Estados Unidos. Alguns relatos como o de Teresa de “*Unos nachos para llevar*” ilustra essa descrição. Teresa, mexicana, é uma mulher religiosa, que foi forçada a imigrar para sobreviver, já que sua família estava sem terras. Sua mãe morava em Los Angeles e mandava dinheiro para que ela se sustentasse, mas não era o suficiente, e “*La solución era reunirme con ella, estudiar inglés y trabajar*” (ALARCÓN, 2002, p. 33). Assim, em sua viagem ilegal, após gastar completamente o pouco dinheiro que tinha, a imigrante teve que enganar pessoas e roubar comida no aeroporto para sobreviver:

Con la misma tranquilidad que sentía cada domingo en misa en el momento del ofertorio, pedí dos órdenes de nachos. [...] Me sentía inmune a los peligros. Cuando terminé con la primera orden de nachos, la muchacha de grandes ojos grises me dio la segunda orden en una bolsa de papel. Tranquilamente le dije: – Se los debo porque no traigo dinero (ALARCÓN, 2002, p. 39).

Em seguida, em virtude do alarde da vendedora, a polícia chegou e interpelou Teresa sobre o acontecido, que respondeu estar esperando uma parente que pagaria pelos “nachos” comidos e conseguiu, após a distração do policial, escapar da situação. Ao narrar a situação vivida, a personagem justificou o ato pela fome que sentia: “*Nunca había tomado nada que no me perteneciera. El hambre me obligó a hacerlo*”

(ALARCÓN, 2002, p. 41). Essas ações demonstram as medidas extremas que os imigrantes tomam em lugares que são passageiros, onde não possuem contato ou conhecidos, importando apenas chegar ao seu destino final. Como afirmou Teresa ao chegar a Los Angeles e encontrar sua tia: “*Fue como caminar por un túnel y salir a la luz. [...] Mi tía vino a mi encuentro. Le eché los brazos al cuello. Me apressuró a salir del aeropuerto: – Afuera ya no hay peligro*” (ALARCÓN, 2002, p. 44).

3. Deslocamentos entre fronteiras: sonho e pesadelo

Homens e mulheres tentam cruzar a fronteira México-Estados Unidos em viagens não autorizadas. São os imigrantes ilegais que, com a ajuda dos coiotes⁴², elaboram estratégias para conseguirem entrar nos EUA em busca de trabalho e de melhores condições de vida. Porém, essa travessia não é fácil, pois o deslocamento de um viajante clandestino é um evento que marca as trajetórias de homens e mulheres migrantes, pois esse percurso é geralmente caracterizado pelo descaso, violações, assassinatos, humilhações, roubos, situações de risco, até mesmo de morte, entre outros obstáculos enfrentados ao longo da travessia. Por isso, a maioria deseja esquecer como chegou e apenas viver nos EUA, trabalhar e ganhar dinheiro: “*Mi sobrina me abrazaba llorando. Juntas habíamos desafiado todos los peligros y no estábamos dispuestas a que nadie nos volviera a sacar de Estados Unidos*” (ALARCÓN, 2002, p. 119).

Porém, todas essas dificuldades são encaradas com um único propósito: chegar aos Estados Unidos, território idealizado pelos imigrantes por conta de sua situação econômica. Como no relato de Olga Lidia, em que afirma: “*Quería tener lo que tenían los que llegaban del norte: carro, ropa, joyas. En Guanajuato nunca iba a tener eso. También sabía que en Estados Unidos había mucho trabajo*” (ALARCÓN, 2002, p. 181). Por essas palavras, além da construção do território norte-americano como local ideal para se viver, também podemos destacar a comparação entre o território mexicano e o estadunidense, que demonstra a precariedade e difícil ascensão econômica no território natal dos imigrantes. Como no testemunho intitulado “*Recién había dado la luz*”, de Miguel Ángel, que demonstra sua insatisfação pessoal, assim como a de muitos outros conterrâneos, sobre a situação política de seu país:

⁴² Os "coiotes" são, em geral, mexicanos que cobram muito caro para atravessar imigrantes clandestinamente do México para os Estados Unidos através da fronteira.

Al igual que a muchos millones de mexicanos, se me fueron las ganas de creerle y con las ganas también se fueron las esperanzas de que las cosas en México se pusieran mejor. [...] Mi deseo de salir de México fue por dos razones, la falta de confianza en las promesas del nuevo presidente y por la aventura de viajar a los Estados Unidos (ALARCÓN, 2002, p. 164).

Atravessar a fronteira, para esses imigrantes, não é apenas ir em busca de uma vida mais digna, é também deixar seu país que se encontra em uma situação caótica, na qual os cidadãos são desprezados pelo governo. Muitos possuem o desejo de poder retornar a sua terra natal, devido à esperança que ainda possuem, acreditando que as más condições de vida e economia no seu país sejam apenas uma fase a ser superada. No entanto, no relato de Rosa María, podemos ver que esse sonho de regressar e encontrar seu país em melhores circunstâncias não é possível em curto prazo. Ela, era funcionária ilegal de uma fábrica nos Estados Unidos que foi descoberta e presa pela “migra” e deportada para o México, então tentou burlar novamente a polícia de fronteira e voltar ao território estadunidense. Porém, nessa segunda travessia, Rosa María afirma, em “*Arrojó la lombriz de susto*”, não aguentar mais viver como uma ilegal, sujeita a ser pega a qualquer momento, demonstrando sua intenção de viver em Tijuana:

Prometí no regresar a Estados Unidos. Tenía mi profesión: cultora de belleza. Regresaría al salón de belleza de donde me sacó mi hermano para ganar muchos dólares. Ya no quería la incertidumbre de que me agarrara la Migra. [...] En Tijuana ganaría poco pero sería feliz. Al siguiente día llegamos a mi ciudad. La intención de quedarme duró una semana, mi hermano me ayudó a pasar de nuevo (ALARCÓN, 2002, p. 111)

Logo, os transtornos sofridos ao longo do deslocamento pela fronteira até o território estadunidense são vistos como elementos que trazem dificuldades, mas compensam tendo em vista a qualidade de vida que encontram os imigrantes ao chegarem às cidades norte-americanas. O peso do vivido durante a travessia, por conta de toda violência e submissão que os imigrantes ilegais sofrem, principalmente as mulheres por serem mais frágeis e não possuírem muitos meios de se defenderem, são considerados pelos próprios viajantes ilegais, ao final de seu trajeto, como barreiras que enfrentaram em busca do sonho de uma vida melhor. Como trata a frase dita por Martín, no relato “*El Ángel negro*” ao chegar a Los Angeles, “*El dolor al pisar [en territorio estadunidense] me arrancaba lágrimas. Tal vez era el motivo que necesitaba para desahogarme de los sustos que viví en el camino*” (ALARCÓN, 2002, p. 13)

4. Os testemunhos na voz feminina

Para a crítica feminista de origem indiana Gayatri C. Spivak (1996 *apud* ALMEIDA, 2010, p. 13), um dos elementos diferenciadores dos deslocamentos anteriores para os ocorridos a partir do final do século XX nas cidades cosmopolitas é a ampliação da circulação de trabalhadores migrantes e, nesse quadro, a presença maciça do sujeito feminino, sua participação e seu papel na sociedade. A autora denomina esse movimento de nova diáspora contemporânea. Para ela, o papel da mulher como sujeito ativo é fundamental nos deslocamentos contemporâneos. Argumenta que não há como analisar a diáspora contemporânea sem compreender que a mulher se torna o foco de interesse das sociedades e é incorporada como parte integrante da sociedade civil. A autora ressalta, assim, o caráter engendrado dessa nova diáspora. Para ela, a presença da mulher tanto nos movimentos migratórios quanto nas narrativas diaspóricas cria novas significações aos contatos culturais, em um diálogo constante com as questões de raça, etnia e classe.

Heloísa Buarque de Hollanda (2005, s/p), ao relacionar estudos de gênero e globalização, também reflete sobre o feminino e o impacto do contexto global e multicultural da contemporaneidade nesses estudos: “... pensar gênero nesse novo contexto é ainda um horizonte enigmático porque passa necessariamente pelos problemas que o multiculturalismo e a globalização acabam de nos colocar”. Essa reflexão se coaduna com o pensamento de Spivak. Ambas as estudiosas veem a mulher contemporânea como sujeito participativo da sociedade, seja através do trabalho ou de outro tipo de prática social e política, cuja intervenção no social gera novos significados para os contatos culturais, que, por sua vez, redireciona a análise do sujeito feminino e dos lugares de onde ele fala. Dessa forma, os estudos de gênero e a produções literárias de autoria feminina contemporânea abarcam as novas contingências políticas, culturais e geopolíticas de um mundo global e cosmopolita no qual a diáspora; a desterritorialização e reterritorialização; o entrelugar e o hibridismo cultural são marcas predominantes.

Sob os efeitos dessas novas contingências culturais, as narrativas escritas pelo sujeito feminino retratam as diversas maneiras de viver e transitar na contemporaneidade, enfocando a relação entre espaço e construção identitária. Nas últimas décadas, muitas escritoras situaram a cidade cosmopolita como o lugar de suas narrativas e os conflitos identitários decorrentes das subjetividades migrantes, exiladas e nômades como tema principal. O espaço doméstico, privado e, às vezes, autobiográfico

em que transitavam as personagens femininas foi deslocado para o espaço urbano e social, em consonância com esse novo contexto sociocultural.

Na obra analisada, o espaço é o da fronteira. Nele homens e mulheres relatam, a partir de diferentes perspectivas, como ocorreu a travessia ilegal. Embora homens e mulheres enfrentem os riscos, a aventura ou desventura de cruzar a fronteira ou ser deportado, mostra que o deslocamento é uma experiência difícil, que envolve perigo para ambos. Ao contar a experiência vivida, revelam que o cruzar a fronteira é também atravessado pela questão do gênero⁴³, pois são as mulheres que, dentro de um sistema de relações de poder em que o masculino se sobrepõe sobre o feminino, correm mais riscos. Ao longo da travessia, elas geralmente são humilhadas, sofrem maus-tratos físicos ou abuso sexual.

Na obra, Alarcón reúne diversos relatos de mulheres migrantes. Tal fato mostra que cresce o contingente feminino que se arrisca nessa empreitada, antes considerada quase exclusivamente como uma alternativa para os homens. Contudo, nesses relatos sobre o deslocamento fronteiriço na obra, é possível notar como os sujeitos femininos, ao migrarem em busca de uma vida melhor, sofrem relações de poder masculinas, principalmente por parte dos coiotes, por serem consideradas, através da perpetuação dos mitos sociais, como mais fracas e inferiores. São diversos os tipos de humilhação que as mulheres em *La Migra me Hizo los Mandados* sofrem, como a cena que é descrita no relato “*Vi cómo la violaban*”. Nesse relato, Henry, o narrador, conta que estava na casa dos coiotes, assim como os outros imigrantes, dentre eles, três irmãs que passaram juntas a viagem toda, como maneira de se protegerem, conforme ele mesmo relata, mas que sofrem abusos sexuais. Henry, ao escutar ruídos estranhos e sentir falta das três meninas, segue até um quarto e depara-se com os coiotes estuprando-as: “*Como describir lo que estaba viendo? – ¡Puercos! ¡Asesinos! ¿Qué habían Hecho? Las tres Hermanas, las tres amigas. Las que protegían unas a otras*” (ALARCÓN, 2002, p. 55). Essa união entre as irmãs demonstra o quão frágeis são as mulheres na travessia ilegal perante os homens, o que reflete a necessidade que possuem de se protegerem.

⁴³ Compreendemos gênero como a categoria desenvolvida pelas teóricas do feminismo contemporâneo com o intuito de compreender e responder, dentro de parâmetros científicos, a situação de desigualdade entre os sexos feminino e masculino e como esta situação opera e interfere no conjunto das relações sociais.

Em outro relato, narrado por Iginia, ela, juntamente com sua sobrinha, enfrenta o deslocamento ilegal para encontrar seus filhos e reconstruir sua vida com sua família. No início da jornada em Tijuana, Iginia menciona a situação de roubo e tentativa de estupro que sua sobrinha sofreu:

Al fin llegamos a un lugar donde había varios hombres. Nos robaron lo poco que teníamos e intentaron violar a mi sobrina. Gracias a la gente que venía con nosotros pudimos defendernos. [...] Llegó un momento en que nos quedamos sin agua, sin nada que comer. Los hombres nos habían quitado todo (ALARCÓN, 2002, p. 133).

Essas são situações que se repetem nos testemunhos da obra. Em alguns casos, as mulheres após serem violadas e não terem mais como se manterem, já que gastaram todo o dinheiro que tinham pagando pelo deslocamento ou foram roubadas, encontram como uma das alternativas para conseguirem dinheiro e continuarem a cruzar a fronteira, a prostituição. Como no relato, cujo nome já demonstra toda a banalização das atrocidades encontradas no caminho até os Estados Unidos, “*Los asesinatos eran algo común*”. No qual “*Tres muchachas nos contaron cómo las habían violado los coyotes. Nos confesaron que después, voluntariamente, habían tenido que entregarse a ellos porque necesitaban dinero*” (ALARCÓN, 2002, p. 73).

Trabalhar como empregada doméstica também é uma das poucas maneiras de se conseguir uma quantia para sobreviver em terras fronteiriças. Essa situação está retratada na fala de María, que, inicialmente trabalhou como servente em uma casa de coiotes, sofreu abuso sexual e foi “vendida” para o dono de um hotel, “*Estaban haciendo negocio conmigo. [...] Nunca me había sentido como um animal que se vende, se canjea y se abandona*” (ALARCÓN, 2002, p. 123). Então, sofreu mais abusos e foi enganada quanto à quantia que ganharia por trabalhar na casa do senhor que a “comprou. María, outra personagem do relato de “*Me vendió con el armenio*”, também é marcada por ter sido desprezada e humilhada por sua mãe, que também era uma mulher que sofria nas mãos de um marido alcoólatra:

Llegué a sentir que era realmente una esclava que no merecía más. Mi madre me lo había dicho tantas veces. - ¡Huevona. No sirves para nada! ¡Pinche pendeja fíjate lo que haces! – Ese fue el trato que recibí desde que tenía uso de razón. Con el tiempo comprendí que mi madre nos maltrataba verbalmente a mí y a mis hermanos como una manera de desahogarse por los malos tratos que recibía de mi padre alcohólico (ALARCÓN, 122, p. 124).

Além das questões relativas às relações de poder, outra característica marcante nos relatos femininos é a necessidade de romper com os seus padrões de moral, conduta e muitas vezes de religiosidade para poder cruzar a fronteira e chegar ao seu destino final, os Estados Unidos. Esse é o caso de Teresa, que em um momento de extrema necessidade e falta de recursos rouba “nachos” para se alimentar, configurando, assim, uma atitude inadequada ao ideal pregado pela jovem, porém necessária para a continuação da viagem até os Estados Unidos. Como declarou no momento em que já estava no avião para Los Angeles, após ter roubado sua refeição no aeroporto: “*Recordé que no traía dinero. Ya había mentido lo suficiente en el aeropuerto, aunque lo hice guiada por la Voluntad Divina y no iba a hacer lo mismo en el avión*” (ALARCÓN, 2002, p. 39).

Diferente dos relatos masculinos, os femininos não destacam a coragem em realizar a travessia, mas como elas conseguiram se proteger dos riscos e dos coiotes. Seus testemunhos ressaltam que a travessia foi difícil, mas que tiveram sorte de “nada” acontecer: “*Mi prima después me dijo que por mi culpa, el coyote la había violado. Me fui a vivir a casa de otra prima donde me hicieron ver mi suerte*” (ALARCÓN, 2002, p. 146). Nos relatos das mulheres migrantes é perceptível uma transformação no modo de ser feminino após os acontecimentos vividos durante a travessia. A reconfiguração da identidade feminina é compreensível uma vez que essa se constitui através das relações com os outros e com o mundo que a rodeia. Se em seus países de origem eram mulheres que primavam pela obediência à voz masculina, a pureza, a docilidade e à submissão, ao término da travessia são mulheres independentes, fortes e sem a necessidade de um homem para protegê-las:

*En una parada subió un agente de inmigración. Uno a uno fue preguntando por documentos. Cuando lo tuve frente a mí, había reunido el valor que no tuve antes. El valor que me hizo falta para reclamarle a mi padre su abandono, el valor para desenmascarar a Mr. Mike. Lo junté todo y lo usé para decirle, mirándolo a los ojos: - **Américan citizen*** (ALARCÓN, 2002, p. 128).

5. Conclusão

A obra de Alicia Alarcón, *La Migra me Hizo los Mandados* (2002), desvela que, no mundo contemporâneo, as fronteiras não são fluidas para todo e qualquer viajante. Para alguns as fronteiras podem quase não existir, mas para outros, considerados indesejados, as fronteiras são linhas bem demarcadas e pouco permeáveis que têm que cruzar com os seus corpos marcados pela raça, pela etnia e pelo gênero.

Desse modo, os testemunhos que compõem a obra denunciam que a fronteira não é apenas o lugar de travessia e o encontro de culturas, mas o lugar da corrupção, do descaso, das violações, assassinatos e humilhações. Enfim, um local abandonado onde tudo é permitido e que acaba por se transformar em um não-lugar. Cada relato demonstra a sensação de desamparo sentida pelo migrante ao perceber-se só na travessia da fronteira, em que cada um defende-se como pode.

Todos os relatos têm em comum a descrição de cada parte do decorrer do deslocamento fronteiriço e das dificuldades enfrentadas ao passarem por situações de risco, além de enfatizarem, em alguns casos, as causas e consequências dessa imigração ilegal que marca a vida do ser migrante, transformando-o, ao final da travessia. Contudo, os relatos femininos enfatizam não só essas dificuldades, mas também as relações de poder entre os gêneros e consequentemente, a violência sexual que sofre decorrente dessas relações.

Por tal motivo, a transformação identitária enfrentada pelo viajante clandestino torna-se mais forte nos relatos das mulheres, foco do nosso estudo. Ao enfrentarem os desafios do deslocamento pela fronteira, elas tornam-se mais fortes, sujeitos de seu próprio destino a fim de reinventarem um presente e um futuro para suas vidas em território estadunidense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÓN, Alicia. *La migra me hizo los mandados*. Houston: Arte Público Press, 2002.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Mulheres tão diferentes que éramos: a escritora contemporânea e as narrativas cosmopolitas na aldeia global. In: DALCASTAGNÉ, Regina; LEAL, Virginia M. Vasconcelos. *Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo: Horizonte, 2010. p. 12-22.

AUGÉ, Marc. Dos lugares aos não lugares. In: _____. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad.: Maria Lucia Pereira. 7. ed. Campinas: Papirus, 2007. p. 71-105.

BAUMAN, Zygmunt. Espacio/Tiempo. In: _____. *Modernidad líquida*. Trad.: Mirta Rosemberg. 5 reimpr. Argentina: Fondo de Cultura Económica, 2006, p. 99-138.

CAMPUZANO, Luisa. Testimonio de mujeres subalternas latinoamericanas: Jerusa, Domitila y Rigoberta. In: REIS, Livia de Freitas; PORTO, Maria Bernadette; VIANNA, Lúcia Helena (Orgs.). *Anais do VII Congresso Nacional Mulher e Literatura*, vol. 1, Rio de Janeiro, Eduff, 1999, p. 23-42.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas*. Trad.: Ana Regina Lessa et al. 4. ed. 4 reimpr. São Paulo: Edusp, 2008.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Os estudos de gênero e a mágica da globalização. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHENIDER, Liane (Orgs.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa, 2005, p. 13-20.

TORO, Fernando de. El desplazamiento de la literatura, la literatura del desplazamiento y la problemática de la identidad. *Extravío. Revista Electrónica de Literatura Comparada*, Universitat de València, n. 5, 2010. Disponível em: <<http://www.uv.es/extravio>>. Acesso em: 05-08-2012.